

EPÍLOGO NÃO AUTORIZADO – UM RECOMEÇO ALTERNATIVO

RAYSSA DUARTE MARQUES CABRAL
Universidade do Estado de Mato Grosso/Brown University
Providence, Rhode Island, Estados Unidos
(rayssa.cabral@unemat.br)

Encontrei os rascunhos de Rodrigo S. M. na biblioteca. Foi essa a ocasião em que li a história de Macabéa pela primeira vez. No fundo, desconfio que se trata de ficção baseada em dois colegas do curso de graduação em Letras, Rafael e Marilene, meus veteranos. Trata-se de uma suposição apenas, mas que vou tentar defender agora, revendo alguns fatos e, claro, mudando o desfecho trágico relatado por ele e trazendo um desfecho alternativo para Macabéa; não por compaixão, mas porque ela, de fato, conseguiu subverter seu “destino”.

Primeiramente, preciso me apresentar. Podem me chamar de Lilian. Acho que é de bom tom explicar essa mudança de narrador, que, eu sei, não é muito convencional, ainda mais nessas circunstâncias, nas quais eu pretendo não só contradizer o narrador anterior, Rodrigo S. M., mas trazer um desfecho mais feliz para a história. Sou atualmente estudante do Mestrado em Estudos Literários da Universidade Federal da Estrela, tive contato com Rafael/Rodrigo e Macabéa/Marilene, pois ambos foram meus colegas de graduação. Apesar de não ser muito próxima de nenhum deles, fizemos uma disciplina juntos. Mas vamos à história!

As circunstâncias remanejaram a vida desses dois, “criador” e “criatura”, que passaram a ficar lado a lado, em sala de aula. E, apesar de personalidades tão diferentes, e de origens, classes sociais e habilidades diversas, o contexto universitário colocou-os assim, como iguais. Ambos entraram tardiamente na universidade, frequentavam o curso noturno de Letras e, enquanto ela parecia realizar um sonho, como a primeira de sua família a cursar o ensino superior e pretendia tornar-se professora; ele ingressou no curso a fim de se formar escritor – de modo quase caricato, performava como um escritor intelectual e bem-sucedido, exagerava muito no hermetismo e soava demasiadamente pedante e

vazio de significado. Mesmo com objetivos distintos, os dois eram considerados os melhores alunos do curso, cada um à sua própria maneira.

Acabaram por tomar rumos distintos nos anos seguintes, pois escolherem habilitações diferentes. Enquanto ele optou pelas Letras Vernáculas, ela preferiu estudar Língua Inglesa, pois ela achava mais “chique”. Apesar de toda a dificuldade, mesmo com muitos dizendo que “nordestino não nasceu para falar inglês”, Macabéa (vou chamá-la assim, pois é como vocês a conhecem) escreveu sua monografia sobre *Bartleby, o escrivão*, do escritor estadunidense Herman Melville e tornou-se, anos depois, professora substituta de língua inglesa aqui na universidade. Enquanto isso, Rodrigo escreveu algo sobre José de Alencar, mas nem me recordo o quê. Sinal de que não foi algo tão marcante assim... Ainda o vejo de vez em quando perambulando pelo campus, em uma palestra ou outra aqui, no Instituto de linguagens.

Mas o que você, leitor, pode estar se perguntando é: como chegaram aqui? E como eu sei disso tudo? Bem, sendo bem sincera, sei de alguns fatos, outros vou inventar e tentarei ser suficientemente verossímil. Minha professora de Leitura e Escrita Criativa sempre diz que o que importa é escrever, portanto, peço licença para exercitar minha escrita e preencher as lacunas que não sei dessa história; o resultado se tornará um tipo de fofoca literária.

Pois bem, feitas as apresentações iniciais, foquemos na nossa protagonista! Macabéa iniciou seus estudos e contou incansavelmente sua história nos primeiros dias de aula de todas as disciplinas que cursou. Posso dizer que, após ouvir tantas vezes, a narração ficou conhecida por todos os alunos de Letras. Macabéa, após uma desilusão amorosa, foi a uma cartomante, uma tal de Madame Carlota, que lhe disse que sua vida mudaria. Esperançosa, saiu da casa da mulher imaginando tudo o que ela lhe disse. Acreditar em tudo era uma forma de se apegar a um fio narrativo suportável à sua miséria e infelicidade que haviam sido escancaradas pela cartomante, apegar-se a uma alternativa otimista para sua vida com tão poucas perspectivas era questão de sobrevivência. Concordou com Madame Carlota que encontrar um novo amor seria a solução, mas logo todos esses pensamentos se perderam.

Pensativa, Macabéa não percebeu que uma Mercedes amarela vinha na avenida, em alta velocidade. O motorista, vendo-a, desviou o carro bem próximo a ela, evitou o alto impacto, mas não evitou que ela se assustasse e caísse no chão. O motorista pensou em seguir em frente, afinal, o sinal estava aberto para ele, era escuro, ele não tinha culpa daquilo ali, porém, ele se lembrou da palavra de Deus, da missa que acabara de assistir e verbalizou João 3:17: “*Se alguém tiver recursos materiais e, vendo seu irmão em necessidade, não se compadecer dele, como pode permanecer nele o amor de Deus?*”.

O motorista, após essa ligeira hesitação, tornou-se, então, uma nova personagem, importante aqui para a mudança de rumo da triste sina da nossa

heroína. Chamava-se Anderson, era um homem casado e temente a Deus – sobretudo após seu filho ter sido diagnosticado com tuberculose, o que fez com que se apegasse às orações ainda mais. Ao quase atropelar aquela mulher, teve a chance de “fazer o bem, sem olhar a quem”. Ele, um homem bem sucedido, poderia, então, após explorar tantos funcionários, ajudar uma desconhecida e, quem sabe, obter alguma redenção e, se calhar, conquistar certa simpatia divina, alcançando a graça da cura para seu pequeno Júlio.

Decidido, ele desceu do carro, acomodou Macabéa desmaiada no banco de trás e a levou para o Hospital dos Lagos. Lá chegando, explicou o ocorrido e pediu para que fizessem tudo o que pudessem por aquela mulher. Após o raio-X, foram identificadas fraturas nas costelas, no fêmur e no rádio, o que fez com que ela precisasse permanecer no hospital por algumas semanas.

No dia seguinte ao acidente, quando acordou, Macabéa olhou para o teto e para aquele lugar branco fluorescente e jurou que havia morrido e estava no céu. Porém, quando viu o gesso e percebeu sua dificuldade em se movimentar, com todo aquele peso extra, concluiu que não, afinal, se estivesse no céu ela não estaria convalescente. Nesse ínterim, estava sendo muito bem tratada pelos enfermeiros e pelos médicos. Anderson havia perguntado se ela tinha família, ou alguém para avisar sobre seu estado, mas ela não tinha. De tempo em tempo, ele aparecia para vê-la, acompanhado da esposa Valéria, que trabalhava em uma editora.

Em uma manhã, em uma de suas visitas, Valéria estava com uma grande sacola de tecido lotada de livros, o peso era tamanho que a alça da bolsa rasgou. Macabéa sugeriu, então, que ela deixasse os livros ali, em sua mesa de cabeceira, local em que ficariam seguros. A mulher concordou e disse que voltaria no dia seguinte para buscá-los.

No dia seguinte, Valéria não apareceu. Nem no dia seguinte e nem no seguinte... Anderson também não a visitava mais... O que será que aconteceu? Macabéa sentia falta de seus benfeitores, mas não sabia o que fazer. Os enfermeiros também não tinham notícias deles. Entediada e apreensiva, resolveu explorar os livros que estavam ali, foi quando se deparou com *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de uma tal Carolina de Jesus. O título chamou-lhe a atenção. Dizia ela que leu o livro e se identificou muito, não só com a história em si, mas também porque ela mesma chegou a escrever diários. “Que interessante saber que seria possível torná-los um livro, publicá-los!”, pensou.

Após duas semanas, Valéria foi visitá-la no hospital, estava bastante abatida, Anderson havia morrido de um infarto fulminante. Ela não sabia o que fazer, o filho estava um pouco melhor de saúde, mas ambos sentiam-se completamente desolados. Macabéa sentiu muito o ocorrido, não só por gratidão, mas porque passou a nutrir verdadeiro carinho por aquela família, tão rica de bens materiais, mas tão pobre em outros aspectos. As lágrimas de Macabéa sensibilizaram a mulher, que resolveu acolhê-la em sua casa, quando, enfim, a pobre tivesse alta.

Dalí em diante as visitas a viúva começaram a ser diárias, nelas conversavam sobre literatura, datilografia, diários... até que chegou o dia da alta e Valéria ofereceu uma vaga de emprego na editora em que trabalhava, bem como moradia, até que conseguisse se reestabelecer completamente, enquanto precisasse.

Macabéa começou a trabalhar na editora, voltou a escrever em seu diário, tornou-se amiga de Júlio, voltou a estudar o Mobral, depois prestou vestibular para Letras. Sentia-se um ser humano pela primeira vez, sujeito de sua própria história. Trilhando seu caminho de forma independente, chegou a hora de se despedir de Valéria, de arrumar um cantinho para si.

Entrou na universidade, sofreu um pouco de preconceito com seu jeito, seu sotaque, mas conquistou muitos colegas e professores. Lá encontrou Rafael, quer dizer, Rodrigo S. M., que dizia sempre que a universidade era um lugar em que as massas não deveriam frequentar, apenas pessoas que tinham capital cultural. Apesar de tantas indiretas a fim de deslegitimar Macabéa, ele ficou completamente sem palavras depois de saber que um jovem editor de nome Hans Becker, que visitava a editora em que ela trabalhava, após ler seu diário, resolveu publicá-lo na Alemanha. Já Rodrigo S. M. ainda não conseguiu publicar nenhum livro, apenas uma resenha crítica em um pequeno jornal da cidade, sobre o livro de Macabéa.

RAYSSA DUARTE MARQUES CABRAL é mestra em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso (2015). Atualmente é doutoranda em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso e está realizando estágio de Doutorado Sanduíche no Department of Portuguese and Brazilian Studies, na Brown University, em Providence, Estados Unidos. Tem experiência como organizadora de livros, com destaque para *Torto arado: perspectivas críticas* (2022, Editora Bordô-Grená) e como parecerista. Realiza pesquisas a partir de uma perspectiva decolonial, considerando as chamadas epistemologias do sul, com enfoque na literatura brasileira contemporânea, principalmente de autoria feminina e negro-brasileira. Apesar do principal interesse ser na obra de Maria Valéria Rezende, também realizou pesquisas sobre outros autores contemporâneos, tais como Jeferson Tenório, Itamar Vieira Junior, Vanessa Passos, Jarid Arraes, Ana Paula Maia, dentre outros.

Artigo recebido em: 27 set. 2023.
Aceito em: 28 out. 2023.